

HABILIDADES SOCIAIS EM ALUNOS DO ÚLTIMO ANO DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO OESTE DO PARANÁ

SCHNAUFER, Patrícia Carla¹
SEKI, Ivonete de Assis²
RIGOLIN, Tayze Rubio³

RESUMO

Conforme o CFP, até março de 2018 havia no Brasil 307.034 psicólogos, 17.262 localizados no estado do Paraná. Na instituição pesquisada, aproximadamente 45 profissionais se formaram no ano de 2017 e estima-se que 93 se formarão em 2018. Nesse sentido, a presente pesquisa visou verificar o nível de escore geral, empatia, abordagem afetiva e desenvoltura social a partir do Inventário de Habilidades Sociais (IHS), criado por Del Prette e Del Prette (2001), em 33 acadêmicos do último ano de Psicologia em uma instituição de ensino superior no Oeste do Paraná, além do inventário, foi aplicado o questionário sociodemográfico para levantamento de dados gerais dos acadêmicos. A partir dos dados coletados, identificou-se no Escore Total, que 52% dos acadêmicos apresentaram um repertório altamente elaborado de Habilidades Sociais (HS), o que pode estar relacionado com os dados levantados sobre idade, tendo em vista que 21% tinham entre 26 e 35 anos e 33% tinham acima de 35 anos. Outro dado relevante que pode justificar esse resultado, é que 79% afirmam estar em processo de terapia. Por outro lado, houve dados significativos no que se refere à indicação de treinamento dos acadêmicos conforme resultados do Inventário: 45% no Escore Total, 61% no quesito empatia, 73% na abordagem afetiva e 33% na desenvoltura social. Diante deste cenário, é possível propor trabalhos que aprofunde o desenvolvimento das HS dentro do curso de Psicologia que estimulem os alunos a falarem sobre suas dificuldades, reforçando de forma positiva a instalação e manutenção de comportamentos socialmente habilidosos.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem afetiva. Desenvoltura Social. Empatia. Habilidades Sociais. Inventário IHS.

1 INTRODUÇÃO

As novas ocorrências acadêmicas, desafios e demandas interpessoais têm exigido dos graduandos do curso de Psicologia o desenvolvimento de habilidades sociais. No cenário atual, frente às relações interpessoais, são necessárias habilidades, para que haja convivência entre as pessoas de maneira satisfatória e deste modo busque evitar conflitos no ambiente profissional.

A partir disso, surgiu a necessidade de levantar esses aspectos ainda dentro do contexto educacional, ou seja, avaliar os níveis de habilidades sociais dos acadêmicos do último ano do curso de graduação de Psicologia, inseridos em uma Universidade do Oeste do Paraná. Para isso, foi aplicado questionário sociodemográfico e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS)

¹ Professora orientadora, Especialista e docente do Centro Universitário FAG. E-mail: patriciacarla@fag.edu

² Graduanda de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário FAG. E-mail: netyseki@gmail.com

³ Graduanda de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário FAG. E-mail: tayzerigolin11@gmail.com

de Del Prette e Del Prette (2001), que é composto por seis escalas que abordam as habilidades sociais.

No entanto, nesta pesquisa foram analisados três: empatia, abordagem afetiva e desenvoltura social, tendo em vista a complexidade e a necessidade de uma atenção maior a cada um deles (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2009).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018), até o terceiro mês do presente ano havia no Brasil, 307.034 psicólogos. Neste sentido, em meio ao número crescente de profissionais da psicologia citado pelo CFP, as habilidades sociais tornaram-se um requisito social importante a serem desenvolvidas dentro do universo acadêmico.

Conforme Caballo (1996), as habilidades sociais somam um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos. Também se referem ao fato de se colocar de forma adequada às diversas situações, respeitando os demais e resolvendo os problemas imediatos de determinada situação.

Para Del Prette e Del Prette (2001), o psicólogo ou o acadêmico que está no processo de formação necessita desenvolver as habilidades técnicas mediadas pelas interações sociais, intituladas por eles como habilidades sociais profissionais. Estes mesmos autores as definiram como habilidades que atendem às distintas demandas interpessoais do ambiente de trabalho, visando o cumprimento de metas, a preservação do bem-estar, respeitando os direitos de cada um.

Dando seguimento à ideia dos autores supracitados, as habilidades sociais se classificam como um conjunto ordenado por seis categorias, sendo elas: habilidades sociais de comunicação, habilidades sociais de civilidade, habilidades sociais de assertividade, habilidades sociais empáticas, habilidades sociais de trabalho e por fim, habilidades sociais de expressão de sentimento positivo.

Deste modo, a presente pesquisa mensurou os repertórios de habilidades sociais em 33 (trinta e três) acadêmicos do último ano de psicologia. Dentre os principais dados levantados, 79% dos acadêmicos eram do sexo feminino, enquanto 21% do sexo masculino. No Escore Total do Inventário de Habilidades sociais, 52% dos acadêmicos apresentaram repertório altamente elaborado ou elaborado de habilidades sociais, indicando habilidades sociais altamente satisfatórias. Por outro lado, 45% apresentaram repertório médio ou que necessitam de treinamento de habilidades sociais.

De acordo com os repertórios específicos levantados, também foi possível identificar no que se refere à empatia e abordagem afetiva, a necessidade de treinamento ou

aperfeiçoamento das habilidades sociais, conforme resultados e possíveis relações que serão descritas ao longo do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HABILIDADES SOCIAIS NA GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

Para Caballo (1996), as habilidades sociais somam um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos. Também se referem ao fato de se colocar de forma adequada às diversas situações, respeitando os demais e resolvendo os problemas imediatos de determinada situação. No cenário atual, frente às relações interpessoais, são necessárias essas habilidades, para que haja convivência entre as pessoas de maneira satisfatória e deste modo busque evitar conflitos no ambiente profissional. Conquanto, para Magalhães e Murta (2003), essas habilidades são denominadas como categorias de comportamentos presentes no repertório dos indivíduos que constituem um cumprimento socialmente eficiente.

Del Prette e Del Prette (2001) consideram as habilidades sociais como um constructo percebido nas relações funcionais entre as respostas de dois ou mais indivíduos em interação, que manifestam sentimentos, atitudes, desejos e opiniões, em que as respostas de um deles são antecedentes ou consequentes para o outro, de forma dinâmica e alternada no desenvolvimento interativo. Deste modo, o papel do outro indivíduo é significativo, pois deve suportar a capacidade de se comportar sem causar danos físicos ou verbais ao outro.

Em geral, no meio acadêmico, o desenvolvimento de habilidades sociais ocorre de forma indireta. Pacheco e Rangé (2006) destacam que, apesar de os alunos de Psicologia ingressarem na universidade com um repertório de habilidades sociais semelhante aos estudantes de outras áreas, com o passar do tempo vão adquirindo maior sensibilidade para as relações interpessoais, ou seja, passam a analisar, por exemplo, que as atitudes que expressam o seu interesse de maneira a não agredir os direitos alheios, são fundamentais para relações interpessoais adequadas. O que se nota, porém, é que, apesar disso, os mesmos possuem dificuldades para lidar com situações sociais, tais como: observar e interpretar o ambiente social, avaliar a própria atuação interpessoal ou ainda lidar com o silêncio do interlocutor.

A experiência com o ensino de Psicologia tem apontado que é durante o andamento dos estágios curriculares que as barreiras no repertório dos alunos para lidar com as demandas interpessoais se revelam mais problemáticas. Essa constatação indica a necessidade de se

inserir, nas estruturas curriculares de Psicologia, condições de ensino dirigidas para o desenvolvimento de habilidades sociais voltadas para as relações cotidianas e profissionais específicas da atuação do psicólogo (DEL PRETTE, DEL PRETTE e BARRETO, 2006).

Conforme a Lei citada abaixo, as Diretrizes Curriculares deveriam conceder uma maior autonomia às Instituições de Ensino Superior (IES) na definição dos currículos de seus cursos. Portanto, ao invés do sistema de currículos mínimos, que eram detalhadas as disciplinas que deveriam compor em cada curso, conjecturavam-se que fossem ofertados linhas gerais capazes de determinar quais competências e habilidades que se desejava. Para isso, foi nomeada uma segunda Comissão de Especialistas que, conforme Buettner (2000), elaborou-se um documento que não considerava as diretrizes da primeira Comissão e nem as deliberações que estavam sendo construídas pela categoria há mais de uma década, inclusive pelo Fórum Nacional de Formação e Psicologia, realizado em 1997, abarcando um processo de discussão extenso e democrático. Segundo a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia,

No ano de 1996, foi promulgada a Lei nº 9.394, de 20/12/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN e, em Edital nº 04/97, o Ministério da Educação e do Desporto - MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Superior - SESU, convocou as Instituições de Ensino Superior a apresentarem propostas para as novas Diretrizes Curriculares dos cursos superiores, que seriam elaboradas pelas Comissões de Especialistas da SESU /MEC.

Para a elaboração das propostas, forneceu as seguintes orientações básicas:

- Perfil desejado do formando
- Competências e habilidades desejadas
- Conteúdos curriculares
- Duração dos cursos
- Estruturação modular dos cursos
- Estágios e atividades complementares
- Conexão com a avaliação institucional (ABEP, 2011 p. 12).

Os cursos de graduação não se acham voltados para a promoção do desenvolvimento dessas habilidades. Os resultados encontrados em alguns estudos (Del Prette, Del Prette e Correia, 1992; Del Prette, Del Prette e Branco, 1992) revelam que, quanto ao repertório de habilidades sociais, não há diferenças entre os alunos de início e término dos cursos.

Considerando especificamente os estudantes de Psicologia, os autores afirmam que, ao final do curso, os alunos possuem maior consciência da importância de lidar com situações sociais, entretanto, não apresentam maior competência social quando comparados aos alunos iniciantes (BANDEIRA e QUAGLIA, 2005). Isso significa dizer que, embora os alunos concluintes considerem importantes as respostas que facilitem o enfrentamento de situações sociais – fazer elogios, falar em público, resolver problemas – não demonstram coerência entre aquilo que pensam e/ou sentem e a forma como se comportam publicamente.

Del Prette e Del Prette (2003) destacam que há, por parte dos docentes e dos supervisores de Psicologia uma preocupação com o desenvolvimento do repertório de habilidades sociais. Não obstante, as habilidades interpessoais não têm sido abordadas de forma sistemática dentro da graduação, deixando de lado os alunos que apresentam maiores comprometimentos. Por mais que exista a atenção de se trabalhar as habilidades sociais dentro do contexto acadêmico por parte de professores e supervisores, ainda não se tem trabalhado satisfatoriamente.

Outrossim, Del Prette e Del Prette (2001) afirmam que o psicólogo ou o acadêmico que está no processo de formação necessita desenvolver as habilidades técnicas mediadas pelas interações sociais, intituladas pelos mesmos como habilidades sociais profissionais. Estes autores definem como habilidades que atendem as distintas demandas interpessoais do ambiente de trabalho, com vistas ao cumprimento de metas, a preservação do bem-estar, respeitando os direitos de cada um.

Portanto, a graduação em Psicologia deve pressupor e garantir uma formação científica sólida, que promova a superação da dissociação entre teoria e prática, vinculando a capacidade de conhecimento da realidade social e científica com a possibilidade de transformação de si mesmo. Ter conhecimento acerca dos comportamentos sociais auxilia o indivíduo nos vários contextos sociais, sobretudo no acadêmico, favorecendo e facilitando os relacionamentos interpessoais (GRESHAM, 2009).

Para Matos (2000), o curso de graduação de psicologia deve constituir uma plataforma para o desenvolvimento de profissionais capazes de responder às necessidades de aperfeiçoamento da ciência psicológica e ao atendimento de necessidades sociais. Além disso, Libâneo (2004) destaca que competências são as capacidades, habilidades, qualidades e atitudes relacionadas a conhecimentos práticos e teóricos que possibilitam a um profissional exercer adequadamente a sua profissão.

2.1.1 Habilidades Sociais (HS), Inventário De Habilidades Sociais (IHS) e Teste de Habilidades Sociais (THS)

O Inventário de Habilidades Sociais (IHS) criado por Del Prette e Del Prette (2001), qual se compõe de duas partes, sendo que na primeira contém as instruções e uma lista de 38 itens descrevendo uma relação interpessoal e uma possível reação a tais situações tendo 05 alternativas, escala tipo Likert, divididas em: A - nunca ou raramente; B - com pouca frequência; C - com regular frequência; D - muito frequentemente; e E - sempre ou quase

sempre. Vale salientar que os itens são agrupados em 05 fatores, denominados de F1 - enfrentamento e autoafirmação com risco, F2 - autoafirmação na expressão de sentimento positivo, F3 - conversação e desenvoltura social, F4 - autoexposição a desconhecidos e situações novas e F5 - autocontrole da agressividade. Já na segunda parte contém um cabeçalho para a caracterização do entrevistado e um quadro para anotação das respostas, sendo que a apuração dos resultados é de forma informatizada online (DEL PRETTE e DEL PRETTE *apud* BOLSONI-SILVA *et al.*, 2009).

O Inventário de Habilidades Sociais (IHS) é um instrumento aplicado em terapias comportamentais que permite um diagnóstico com o objetivo de caracterizar o desempenho social em diferentes situações (trabalho, escola, família, cotidiano, etc.), ou seja, avalia a personalidade do paciente com base em suas habilidades sociais. O inventário é basicamente um conjunto de situações hipotéticas divididas em cinco fatores, as quais o paciente deverá demonstrar uma reação possível. Ao fim, o profissional irá fazer a correção e avaliação do escore. A partir disso, é utilizada a tabela IHS – Del-Prette para identificar o resultado (CABALLO, 2002).

Em suma, os dados obtidos com o IHS-Del-Prette permitem mapear as dificuldades, evidenciando o caráter situacional das habilidades sociais e as necessidades específicas. A partir dessa avaliação o terapeuta poderá definir o tratamento adequado à cada paciente devido ao impacto negativo dos déficits sobre a qualidade de vida do mesmo (CABALLO, 2002).

O Teste de Habilidade Social (THS) consiste no ensino direto e sistemático de habilidades interpessoais com o propósito de aperfeiçoar a competência individual e interpessoal em situações sociais (CABALLO, 2002).

Ainda de acordo com o autor acima citado, este teste inicia com o inventário e em seguida parte para a entrevista avaliativa. Durante a entrevista podem ser identificadas situações consideradas problemáticas para o paciente e as habilidades sociais necessárias para a atuação adequada em cada situação. Também são determinados quais instrumentos de avaliação serão necessários para completar a avaliação comportamental. A avaliação pode ser realizada também por pessoas próximas, considerando que dessa forma a avaliação pode ser incompleta, pelo fato de que nem todas as situações serão conhecidas fielmente por meio da autoavaliação.

O THS é realizado em quatro etapas, como seguem: a primeira etapa trata de identificar com o paciente as áreas específicas nas quais tem mais dificuldade e analisar porque o indivíduo não se comporta de forma socialmente adequada. Na segunda etapa procura fazer

com que o paciente entenda e diferencie entre respostas assertivas, não assertivas e agressivas. Quanto à terceira etapa, busca-se a reestruturação cognitiva dos modelos de pensar incorretos do indivíduo socialmente inadequado. Na quarta etapa, há o ensaio comportamental das respostas socialmente adequadas em determinadas situações (CABALLO, 1996).

O referido THS pode ser voltado tanto para prevenção primária, ou seja, para crianças em período escolar para prevenir a ocorrência de déficits nas habilidades sociais ao longo das etapas seguintes de desenvolvimento, conforme Del Prette e Del Prette (2009), quanto para prevenção secundária, nos casos de adultos que não foram diagnosticados e tratados previamente.

2.1.2 Levantamento das Habilidades Sociais: Empatia, Abordagem Afetiva e Desenvoltura Social

De acordo com os autores Del Prette e Del Prette (2001a), as habilidades sociais se classificam como um conjunto ordenado por 06 (seis) categorias, sendo elas: habilidades sociais de comunicação, habilidades sociais de civilidade, habilidades sociais de assertividade, habilidades sociais empáticas, habilidades sociais de trabalho e por fim habilidades sociais de expressão de sentimento positivo. Em consonância, foi pesquisado três das habilidades sociais citadas pelos autores, que são elas: empatia, abordagem afetiva e desenvoltura social.

Dessa forma, a empatia é caracterizada como a capacidade de se colocar no lugar do outro, tentando compreender e sentir a partir de suas crenças e valores, deixando de lado a perspectiva pessoal. Ela parte da aceitação de compreender que os sentimentos ou atitudes de uma pessoa são possíveis, mesmo que dentro de determinada situação haja outras atitudes pertinentes (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001).

Segundo os mesmos autores, a definição de empatia está profundamente ligada ao altruísmo, amor e interesse pelo próximo e com a capacidade de ajudar os outros antes de si. Assim como uma pessoa consegue sentir a dor ou o sofrimento do outro ao se colocar em seu lugar, surge o anseio de amparar e de atuar de acordo com os princípios morais. Essa capacidade que se desenvolve por meio da empatia, auxilia na compreensão dos pensamentos e sentimentos. É dessa forma que a pessoa provida dessa habilidade consegue experimentar de forma objetiva e racional o que sente o outro indivíduo.

Já a demanda afetiva, é descrita por Del Prette e Del Prette (2001), como a capacidade de aprender sentimentos e de identificar-se com a perspectiva do outro, manifestando reações que expressam essa compreensão e sentimento. Essas demandas são ajustadas pela tradição

dos subgrupos e da vida em sociedade. Portanto, as capacidades empáticas são utilizadas como respostas às demandas de necessidades afetivas do outro, bem como o interlocutor saboreia sentimentos negativos ou positivos e espera o compartilhamento solidário dos que lhes são chegados.

Além da empatia, abordagem afetiva, outra habilidade levantada neste estudo foi à desenvoltura social, que de acordo com Del Prette e Del Prette (2001), é a habilidade que está relacionada com a capacidade de lidar com situações de exposição social, primordial para o relacionamento, seja com a família, amigos ou colegas de trabalho.

3 MÉTODOS

A amostra da pesquisa foi composta por 33 (trinta e três) acadêmicos, 79% mulheres e 21% homens que estão no quinto ano do curso de psicologia em uma instituição de ensino superior do Oeste do Paraná no período matutino e noturno. A delimitação de inclusão da escolha dos participantes foi homens e mulheres matriculados em pelo menos uma disciplina do último ano de graduação em psicologia.

Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico, composto por 10 questões fechadas com o objetivo de obter informações dos acadêmicos e o Inventário de Habilidades Sociais – IHS, desenvolvido por Del Prette e Del Prette (2001a), o qual permite levantar o repertório de habilidades sociais com base na estimativa que o respondente faz sobre a frequência com que reage da forma indicada em cada item. O inventário é composto por duas partes, sendo que na primeira contém as instruções e uma lista de 38 itens descrevendo uma relação interpessoal e uma possível reação à tais situações tendo 05 alternativas com objetivo de avaliar o nível de habilidades sociais dos participantes referentes à empatia, abordagem afetiva, desenvoltura social e escore geral.

Em seguida, foi realizada a correção e tabulação dos dados do IHS, de forma informatizada online. Após a correção do questionário sociodemográfico e do IHS, os mesmos foram lançados no programa Excel para formatação dos gráficos, análise e discussão dos resultados.

Os dados obtidos foram analisados de forma quantitativa. Esta escolha se justifica, pois, a pesquisa teve como objetivo apontar numericamente a frequência e a intensidade dos comportamentos dos indivíduos pesquisados, sendo medidas precisas, e os meios de coleta de dados foi estruturado com perguntas objetivas e claras. No que se refere à análise quantitativa,

pode-se dizer que corresponde a um procedimento com resultados claros e específicos sobre um acontecimento (PRODANOV e FREITAS, 2013).

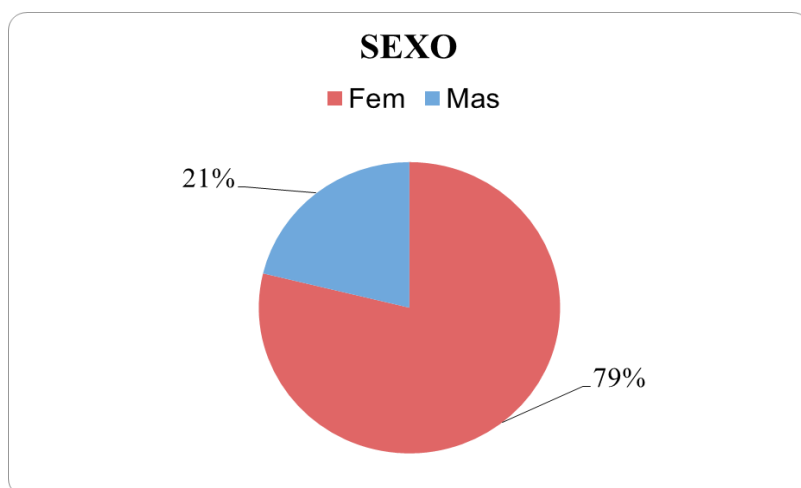
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da presente pesquisa que visou verificar o repertório de habilidades sociais presentes em uma amostra de 33 (trinta e três) acadêmicos matriculados no último ano de psicologia no momento do estudo, em uma instituição de ensino superior no Oeste do Paraná.

As referidas habilidades auxiliam em sua desenvoltura pessoal e profissional, verificando, segundo Del Prette e Del Prette (2001), por meio dos percentis do teste IHS, os dados mais relevantes apurados no contexto do escore total das habilidades sociais e em cada uma das três subescalas pesquisadas. Os mesmos são mensurados quanto à frequência de emissão, dificuldade com indicativo de necessidades de treinamento ou recursos interpessoais satisfatórios, dados por categoria conforme o manual de aplicação e interpretação.

Conforme o gráfico 1, o gênero dos acadêmicos que participaram da pesquisa, foram 79% respondentes do sexo feminino e 21% respondentes do sexo masculino.

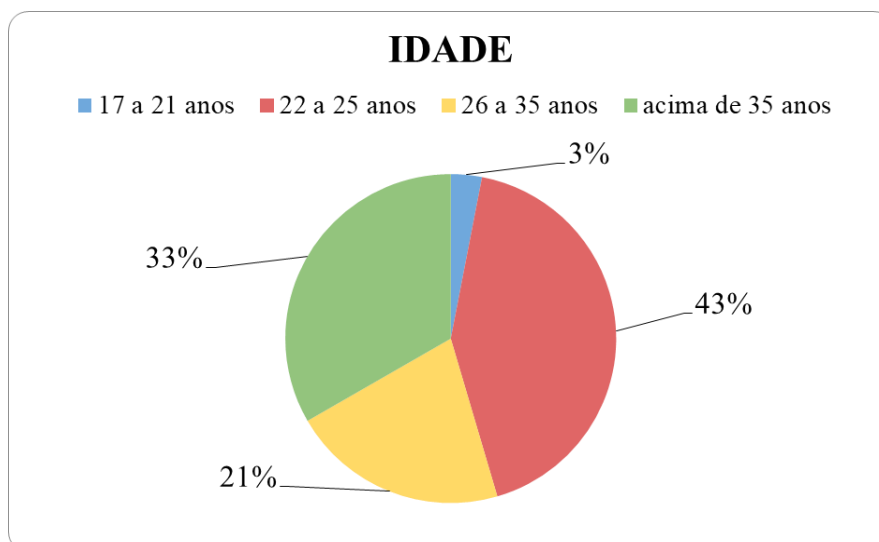
Gráfico 1- Sexo dos participantes



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

Quanto à faixa etária dos respondentes, o gráfico 2 aponta que a maior concentração das respostas se deu na faixa entre 22 e 25 anos com 42,4%, e na sequência, 33,3% acima de 35 anos, 21,2% entre 26 e 35 anos e 3,0% da amostragem na faixa entre 17 e 21 anos.

Gráfico 2 - Idade dos participantes

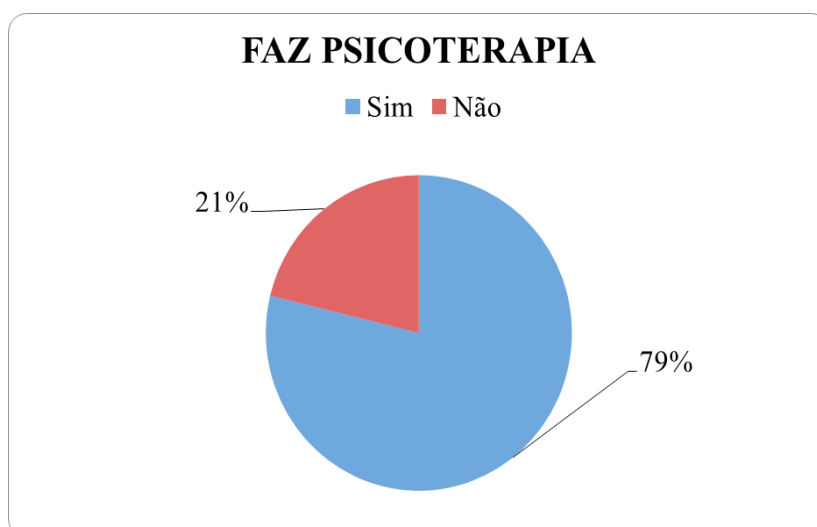


Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

Esses resultados não foram discrepantes das realizadas anteriormente, pois de acordo com um levantamento de perfis do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2018) constatou-se que 89% da categoria são mulheres, conforme dados levantados do cadastro do CFP, o que retrata a psicologia brasileira majoritariamente feminina, ou seja, nove entre dez pessoas que estão na profissão no Brasil são mulheres.

Sobre a questão se os participantes da pesquisa fazem psicoterapia, a maioria, ou seja, 79% responderam que sim, e 21 % responderam negativamente, conforme apresentado no gráfico 3.

Gráfico 3 - Participantes que fazem psicoterapia



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

Sendo que, 79% dos acadêmicos pesquisados fazem psicoterapia, entende-se que esse fator pode estar atrelado ao interesse pela psicologia clínica dos acadêmicos de psicologia e, mais especificamente, pela psicoterapia, o que em grande parte se deve às sugestões do corpo docente da instituição, que desempenha estímulo direto no encaminhamento do seu aluno. No estudo realizado por Gomes *et al.* (1996), os autores ressaltam que em muitas ocasiões por influência dos docentes, os alunos procuram recurso terapêutico como item da sua formação profissional, e, revelam-se favoráveis a eles por serem estimulados no período da graduação.

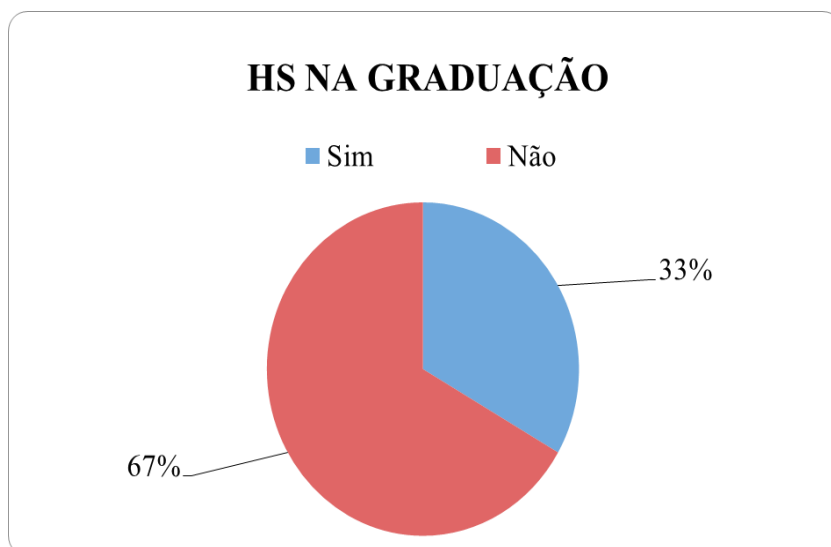
Estes mesmos autores apontam diferenças atraentes entre as crenças de alunos e não alunos de psicologia sobre psicoterapia, como entre os acadêmicos do início da graduação e os que já estão no final, os iniciantes estariam mais receptivos a distintas orientações em tratamentos psicológicos, ou, não se sentiriam interessados em se tratar, já os dos últimos semestres propagariam as consequências do curso em suas crenças sobre o tratamento e a escolha de uma abordagem específica.

A psicoterapia pessoal reveste-se de importância, pois permite que os acadêmicos conheçam a si mesmos, seus limites e potencialidades, para que identifiquem e diferenciem sentimentos na relação com o outro, e experienciem na prática, o processo psicoterapêutico (YAMAGUCHI, 1996).

Assim, percebe-se a importância de o aluno fazer psicoterapia com o objetivo de ser psicoterapeuta, visto que neste contexto pode-se verificar os seus próprios desafios pessoais e profissionais, reafirmando a necessidade de antes trabalhar as suas limitações para depois as de seus futuros pacientes. E, assim, o estudante de psicologia assume uma verdadeira postura profissional.

Em relação à ter sido trabalhado a disciplina de habilidades sociais na graduação, 67% dos participantes responderam que não tiveram a referida disciplina, já 33% responderam que sim, como se observa no gráfico 4.

Gráfico 4 - Habilidades sociais na graduação



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

Conforme os dados da pesquisa, 97% dos acadêmicos iniciaram a graduação no ano de 2014, os quais tiveram acesso à mesma grade curricular, no entanto, se observa uma discrepância nas repostas acima obtidas.

Assim, levando em consideração que 67% dos acadêmicos responderam não ter sido trabalhado a disciplina de habilidades sociais no decorrer da formação, pode ter relação com uma pesquisa realizada por Carneiro e Teixeira (2011), segundo a qual, estudantes de psicologia mostraram déficits no seu repertório de habilidades interpessoais no início e no final de curso. Tendo em vista esses dados, é de fundamental importância avaliar se os cursos de Psicologia estão contemplando a formação dessas habilidades.

Segundo Aguirre et al. (2000), o momento em que se inicia a prática é possível ser a primeira que exige uma postura profissional, não se resumindo apenas ao saber teórico, sendo indispensável um encontro do estudante com suas próprias emoções, de forma a transformá-las em ferramentas de trabalho. Com a inserção no ambiente profissional, surge a precisão de incorporar um novo papel, o de psicólogo, e de lidar com ansiedades, medos e inseguranças que a formação acadêmica não tem como preparar (YAMAGUCHI, 1996).

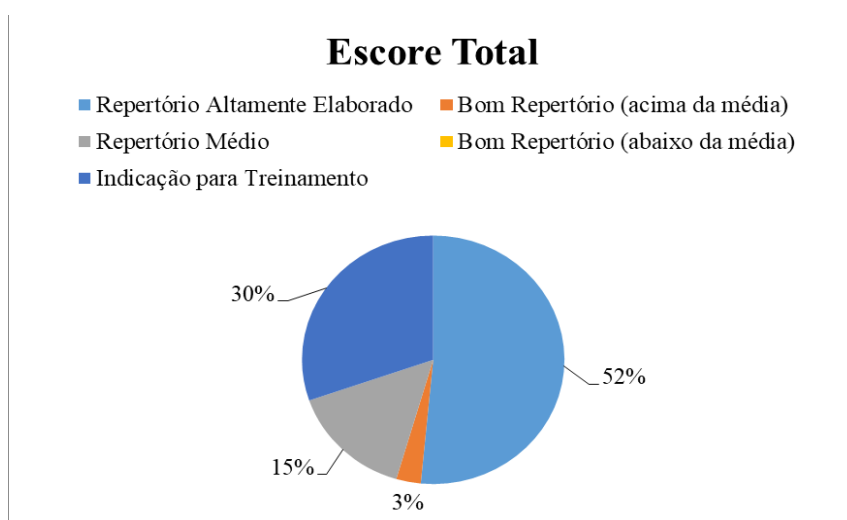
Del Prette e Del Prette (2003) destacam que há, por parte dos docentes e dos supervisores de psicologia, uma preocupação com o desenvolvimento do repertório de habilidades sociais. Não obstante, as habilidades interpessoais não têm sido abordadas de forma sistemática dentro da graduação, deixando de lado os alunos que apresentam maiores comprometimentos. Por mais que exista a atenção de se trabalhar as habilidades sociais dentro

do contexto acadêmico por parte de professores e supervisores, ainda não se tem trabalhado satisfatoriamente.

Na apuração dos resultados do teste IHS - Inventário das Habilidades Sociais obteve-se a classificação de acordo com o percentual, indicando o nível de frequência e de dificuldade de emissão das habilidades sociais no Escore Total e em três subescalas: Empatia (F1), Abordagem Afetiva (F2) e Desenvoltura Social (F3).

No Escore Total da amostra, no quesito frequência de emissão, conforme Gráfico 5 pode-se observar que 30% dos acadêmicos apresentaram repertório médio inferior ou abaixo da média inferior, indicando necessidade de treino das habilidades sociais. Dos demais respondentes, 15% apresentaram repertório médio, 3% possuem bom repertório de habilidades sociais e 52% apresentaram repertório altamente elaborado ou elaborado de habilidades sociais, indicando habilidades sociais altamente satisfatórias.

Gráfico 5 - Escore Total das habilidades sociais



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

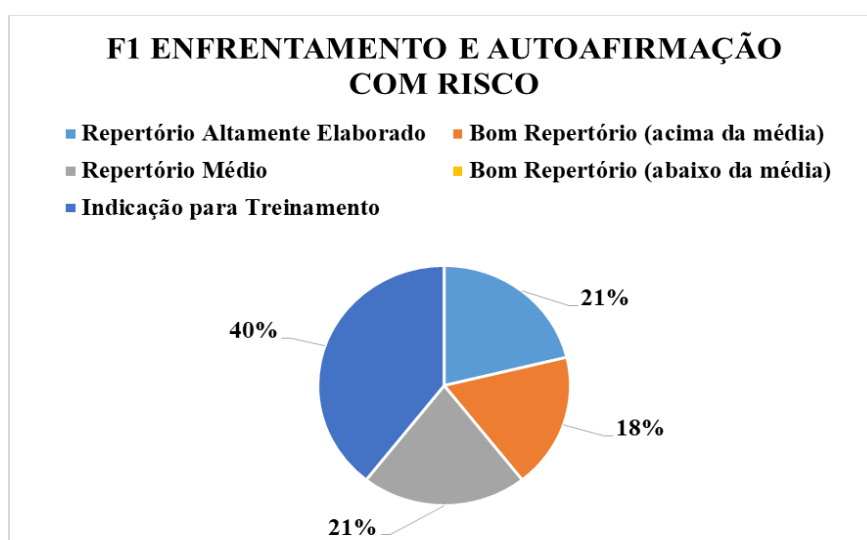
A amostra foi composta por 33 (trinta e três) acadêmicos do sexo feminino e masculino do último ano do curso de Psicologia. Com relação ao Escore Total, foi 52% dos acadêmicos possuem repertório altamente elaborado, 3% bom repertório acima da média, já o repertório médio e indicações de treinamento somaram 45% o que pode indicar a necessidade de treino das habilidades sociais (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001a). Neste contexto, Pacheco e Rangé (2006, *apud* BOLSONI-SILVA *et al.*, 2009) afirmam que a obtenção das habilidades sociais dentro do ambiente universitário, acontece muitas vezes de forma “oculta”, ou seja, ao surgirem demandas novas, as pessoas tentam se adaptar sozinhas, mas há indivíduos que

expõem dificuldades acentuadas tornando-se desamparadas por não conseguirem aumentar seus repertórios sociais.

De acordo com os dados do escore geral percebe-se que 52% se classificam como repertório altamente elaborado, o que leva a refletir que este número crescente pode estar interligado com a idade, pois 33,3% dos acadêmicos têm acima de 35 anos. Outro dado relevante é dos acadêmicos que fazem psicoterapia que somaram 79%, o que corrobora para o autoconhecimento e para o desenvolvimento das habilidades sociais que necessitam de treinamento.

O gráfico 6 mostra as subescalas de habilidades sociais, que contemplam Empatia (F1), Autoafirmação e Expressão de Sentimentos Positivos (F2) e Conversação e Desenvoltura Social (F3), estas permitem especificar a frequência e a dificuldade de emissão de habilidades sociais em cada uma delas, mais detalhadamente do que em relação ao escore total.

Gráfico 6 - F1 Enfrentamento e Autoafirmação com Risco



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

Na subescala de Empatia (F1), pode-se perceber que a frequência de resposta do repertório de habilidades sociais em 21% dos acadêmicos é considerada altamente elaborada e 18% apresentam repertório acima da média. Já o repertório médio juntamente com a necessidade de treinamento somou 61%, dado que pode requerer atenção. Os dados indicam que por mais que a frequência esteja elaborada ou boa em sua maioria, o fator dificuldade aponta que os comportamentos de controle de sentimentos negativos, identificação de sentimentos ou conflitos nos outros, por exemplo, tem alto custo de resposta (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001a).

Obviamente, existem variáveis que influenciam e auxiliam no desenvolvimento da empatia, como: a familiaridade, grau de atenção e predisposição comunicativa. Essa habilidade oferece muitos benefícios, como a facilidade na comunicação e consequentemente o envolvimento com a situação, o que torna possível exercer o consolo e a resolução de problemas (FALCONE, 2003).

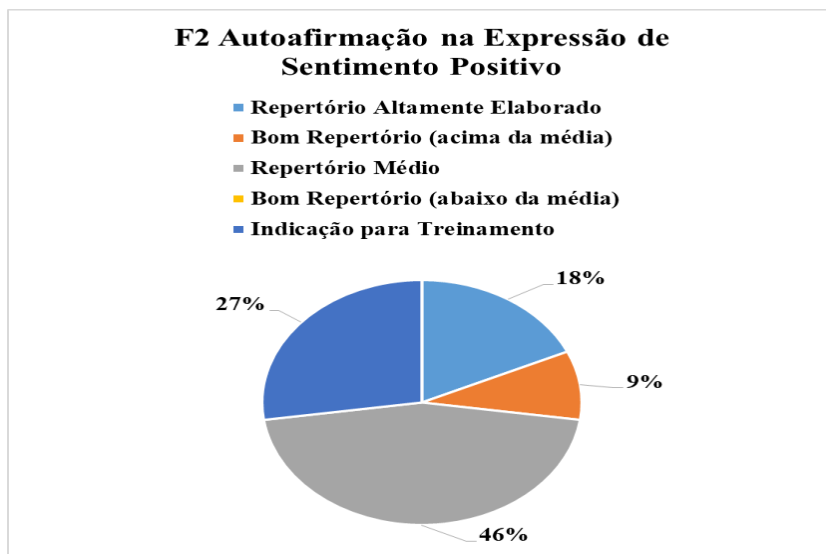
O autor acima citado aponta pesquisas constatando, por exemplo, que terapeutas com maior grau da habilidade de empatia podem atingir resultados significativamente melhores com seus pacientes do que terapeutas com baixos escores nessa habilidade. A afinidade terapêutica não pode ser percebida sem empatia. Pois cada gesto, sentimento, pensamento ou necessidade é ouvida, entendida e é retornada de forma clara e ajustada à pessoa. O processo de terapia é singular e exclusivo, não existem pacotes padronizados de respostas nem de técnicas universais.

Cada indivíduo é único em si mesmo e é preciso se adaptar ao mesmo, pois o paciente em tratamento muitas vezes sente-se perdido. Mas, é diferente quando o mesmo se sente perdido estando acompanhado, ou seja, com o apoio de alguém. Apenas a presença do psicoterapeuta não fará o paciente se sentir acompanhado. É essencial ter uma atitude empática e respeitar o ritmo do paciente. Portanto, as habilidades do terapeuta são essenciais para o bom relacionamento e avanços no tratamento (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001).

Na subescala F2 a qual mensura as habilidades sociais relacionadas à abordagem afetiva, foi apurado, conforme o gráfico 7, que no quesito frequência de aquisição e emissão, os acadêmicos apresentaram 27% repertório médio inferior ou abaixo da média inferior, com indicativo de necessidade de treino das habilidades sociais, 46% repertório médio, 18% apresentaram repertório altamente elaborado ou elaborado, com indicativo de recursos altamente satisfatórios e 9% apresentaram bom repertório acima da média de habilidades sociais.

Assim como na empatia, a subescala Abordagem Afetiva (F2), também se sobressai pelo fator de desempenho alto de frequência e o nível alto de dificuldade deste fator, onde contempla a frequência de emissão altamente elaborada e elaborada acima da média, o que totalizou 27%. No que se refere ao repertório médio e os que necessitam de treinamento, o resultado foi bem expressivo, totalizando 73% nesta habilidade.

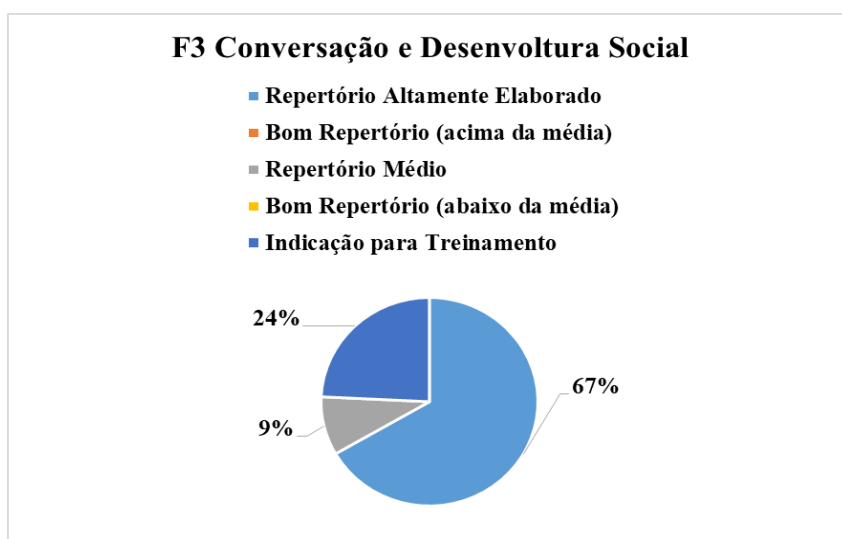
Gráfico 7 - Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

A subescala F3, conforme o gráfico 8, diz respeito às habilidades sociais de desenvoltura social. Apurou-se que no quesito frequência de aquisição e emissão, os acadêmicos apresentaram 24% repertório médio inferior ou abaixo da média inferior, com indicativo de necessidade de treino de habilidades sociais, 67% apresentaram repertório altamente elaborado ou elaborado, com indicativo de recursos altamente satisfatórios e 9% com repertório médio de habilidades sociais.

Gráfico 8 - F3 Conversação e Desenvoltura Social



Fonte: Dados dos Pesquisadores (2018)

Diferente das duas habilidades supracitadas, a Conversação e Desenvoltura Social (F3), apresentam 67% de repertório altamente elaborado, já o médio somado com a indicação de necessidade de treinamento resultou 33%, ou seja, apresentam necessidade de treinamento.

No ambiente acadêmico, a ampliação das habilidades sociais acontece da figura indireta. Pacheco e Rangé (2006) salientam que ainda que os alunos de psicologia integrem na instituição um repertório de habilidades sociais parecido aos alunos de outras áreas, com o decorrer do ciclo, àqueles vão conquistando maior sensibilidade para as relações interpessoais, isto é, analisam, por exemplo, que os costumes que propagam o seu interesse de forma a não agredir os direitos alheios são essenciais para as afinidades interpessoais adequadas. Nota-se, que, apesar disso, eles possuem contratempos ao se depararem com circunstâncias sociais, tais como: analisar e interpretar o espaço social, avaliar o próprio desempenho interpessoal ou até lidar com o silêncio do interlocutor.

A experiência com o ensino de psicologia tem apontado que é durante o andamento dos estágios curriculares que as barreiras no repertório dos alunos para lidar com as demandas interpessoais se revelam mais problemáticas. Essa constatação indica a necessidade de se inserir, nas estruturas curriculares de psicologia, condições de ensino dirigidas para o desenvolvimento de habilidades sociais voltadas para as relações cotidianas e profissionais específicas da atuação do psicólogo (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2006).

Em algumas profissões, habilidades de interação social são muito relevantes para uma atuação satisfatória. Por exemplo, na psicologia algumas pesquisas indicam que terapeutas com maior nível de empatia abrangem resultados expressivamente melhores com seus clientes do que terapeutas com baixos índices nesta habilidade. Contudo, é imprescindível verificar o caminho de formação do psicólogo (BANDEIRA E QUAGLIA, 2005; FALCONE, 2003).

Ao analisar as implicações da amostra pesquisada, com relação às subescalas do repertório das habilidades sociais, os resultados permitem inferir que possuem maior comprometimento em relação à dificuldade de aquisição ou emissão de habilidades sociais (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001a). A partir deste cenário, é adequada a realização de treinos de habilidades sociais, conforme sugere o estudo de Del Prette e Del Prette (2014), com o intuito de alcançar um entendimento sobre suas demandas e habilidades, aprimorar os recursos pessoais de habilidades sociais, expandir para o meio que o cerca e minimizar as dificuldades de emissão por meio da aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a pesquisa realizada, pode ser observada a importância de estudos na área de habilidades sociais, especialmente no que se refere ao seu desenvolvimento na formação dos estudantes de psicologia.

Em conformidade a Lei nº 9.394, de 20/12/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), as Diretrizes Curriculares citada na Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP, 2011) deveriam conceder uma maior autonomia às Instituições de Ensino Superior (IES) na definição dos currículos de seus cursos. Portanto, ao invés do sistema de currículos mínimos, que eram detalhadas as disciplinas que deveriam compor cada curso, conjecturava-se que se ofertasse linhas gerais capazes de determinar quais competências e habilidades que se desejava desenvolver.

Nessa perspectiva, também verifica-se a importância do desenvolvimento de habilidades sociais. Em especial, as que respondem certas demandas dos alunos no último ano do curso de psicologia e sua inserção no mercado de trabalho, levando em consideração que as habilidades sociais são fundamentais para o exercício desta profissão.

Os resultados indicam que mesmo havendo repertórios altamente elaborados nos acadêmicos do último ano de psicologia no que tange à desenvoltura social. Ainda assim, vale reforçar o propósito de aperfeiçoamento das habilidades comportamentais, e do mesmo modo focar no desenvolvimento das habilidades, empatia e abordagem afetiva, que apresentaram resultados significativos de indicação de treinamentos.

De acordo com os dados notou-se que 78% dos acadêmicos fazem psicoterapia, percebe-se a importância de o aluno fazer psicoterapia, com o objetivo de ser psicoterapeuta. Neste contexto pode-se verificar os seus próprios desafios pessoais e profissionais, reafirmando a necessidade de antes trabalhar as suas limitações para depois as de seus futuros pacientes. Dessa forma, é possível que a partir do processo terapêutico o estudante possa desenvolver essas habilidades, como indicam os dados referentes à 40% que apresentaram repertório médio inferior ou abaixo da média inferior no que diz respeito à empatia. No quesito de abordagem afetiva, 46% apontaram repertório médio que também pode ser melhorado por meio do processo terapêutico.

Com base nos resultados desta pesquisa, este estudo atingiu os objetivos especificados e colaborou para realizar o levantamento das HS gerais dos acadêmicos, além de ter uma visão geral dos déficits, e uma visão por categoria de habilidades sociais conforme as três subescalas estudadas. A partir disso, é possível realizar um trabalho que aprofunde

habilidades sociais dentro do curso de psicologia, propor trabalhos que possam ser realizados nos primeiros semestres da graduação, como o THS (Treinamento de Habilidades Sociais), proposto por Caballo (2002), que estimulem os alunos a falarem sobre suas dificuldades, reforçando de forma positiva a instalação e manutenção de comportamentos socialmente habilidosos.

Por fim, sugere-se a realização constante de pesquisas que contemplem mais participantes ou até mesmo outras instituições, contribuindo com dados mais precisos no sentido de colaborar ainda mais com um tema tão expressivo e fundamental para psicologia, bem como, corroborar para os referenciais teóricos acerca do tema.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. M. B, HERZBERG, E., PINTO, E. B., BECKER, E., CARMO, H. M. E S., & SANTIAGO, M. D. **A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia.** Psicologia USP, 49-62, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM PSICOLOGIA – ABEP. **Repensando a formação da(o) psicóloga(o):** revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. Associação Brasileira de Ensino em Psicologia, 2011.

BANDEIRA, M.; QUAGLIA, M. A. C. Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais significativas. **Interação em Psicologia**, 2005, 9(1), p. 45-55.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LEME, V. B. R.; DE LIMA, A. M. A.; DA COSTA-JÚNIOR, F. M.; CORREIA, M. R. G. Avaliação de um treinamento de habilidades sociais (THS) com universitários e recém-formados. **Interação em Psicologia**. V. 13, no 2, [S. l.]: 2009. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/13597>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BUETTNER, G. E. B. P.V. **Diretrizes curriculares em psicologia:** discurso de resistência. 2000. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2000.

CABALLO, V. E. **O treinamento em habilidades sociais.** São Paulo: Santos Livraria Editora, 1996.

CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais.** São Paulo: Santos, 2002.

CARNEIRO. A. A.; TEIXEIRA. M. C. Avaliação de habilidades sociais em alunos de graduação em psicologia da Universidade Federal do Maranhão. **Psicologia: Ensino & Formação**, 2011, 2 (1): 43-56. Disponível em <<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/1645247a53148285?projector=1&messagePartId=0.2>> Acesso em: 02 jul. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Infográfico, 2018**. Disponível em <<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>> Acesso em: 17 mar. 2018.

DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE. **Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para trabalho em grupo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. **Avaliação de habilidades sociais: Bases conceituais, instrumentos e procedimentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Inventário de habilidades sociais (IHS-Del-Prette): Manual de apuração e interpretação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001a.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. **Estudos de Psicologia**, 8(3), 413-420, 2003.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DELPRETTE, A.; BARRETO, M. C. M. Treinamento de habilidades sociais em grupo com estudantes de psicologia: avaliando um programa de intervenção. (pp. 217-234). In: BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Orgs.). **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; BRANCO, U. V. C. Competência social na formação do psicólogo. Paidéia: **Cadernos de Educação**, 1992, v. 2, p. 40-50.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; CORREIA, M. F. B. Competência social: um estudo comparativo entre alunos de psicologia, serviço social e engenharia mecânica. **Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas**, 382-384, 1992.

FALCONE, E. **Psicoterapias cognitiva e construtivista: novas fronteiras da prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GOMES, W. B.; TEIXEIRA, M.; KELLER, M.; CRESCENTE, D.B.; FACHEL, J.; SEHN, L.; KLARMANN, P. Atitudes e crenças de estudantes universitários sobre psicoterapia e psicólogos. **Psicologia Teoria e Pesquisa**. Brasília, DF, 12(2), 121-127, 1996.

GRESHAM, F. M. Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. *In*: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações** p. 17-66, 2009. Petrópolis: Vozes. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27480.pdf> > Acesso em: 19 abr. 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

MAGALHÃES, P. P.; MURTA, S. G. **Treinamento de habilidades sociais em estudantes de psicologia: um estudo pré-experimental**. Temas em Psicologia da SBP. Vol. 11, no 1-28-37, 2003.

MATOS, M. A. A definição de diretrizes em uma estruturação curricular em Psicologia e o estágio de formação profissional. **Psicologia Informação**, ano 4, n. 4, p. 11-24, 2000.

PACHECO, P.; RANGÉ, B. Desenvolvimento de habilidades sociais em graduandos de Psicologia. *In*: BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. (1. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

YAMAGUCHI, L. S. A psicoterapia no tornar-se psicoterapeuta. **Revista Psicologia Argumento**, XIV(XVIII), 102-104, 1996.